

O desafio do ensino médio

■ Prioridade no segundo governo FH, expansão e reforma esbarram na penúria dos estados

Estefan Radovitz - 4/1/99

ROSA LIMA

Na segunda-feira passada, o presidente Fernando Henrique Cardoso dedicou seu primeiro programa de rádio neste segundo mandato aos estudantes do ensino médio. No calendário da educação, explicou o presidente, 1999 é o ano do ensino médio e profissionalizante.

Enquanto Fernando Henrique discursava no rádio, no Rio, centenas de pais ansiosos se acotovelavam nas principais escolas da rede estadual de ensino em busca de uma vaga para o próximo ano letivo. As imensas filas davam uma boa medida do desafio que os governos vão enfrentar para pôr em prática a promessa do presidente.

O aumento do número de jovens na faixa etária dos 15 aos 18 anos, o crescimento expressivo dos que concluíram as oito séries da etapa fundamental e a pressão do mercado de trabalho, que cada vez mais exige profissionais com formação no mínimo secundária, elevaram enormemente a demanda no ensino médio. Segundo o Ministério da Educação, o número de alunos nas escolas secundárias cresceu 40% nos últimos quatro anos. A rede escolar dos estados, porém, praticamente não sofreu expansão.

Apêndice – No Estado do Rio, a situação é particularmente dramática. Aqui, 36% das vagas de ensino médio disponíveis estão nas escolas particulares, enquanto a média nacional da rede privada é de 17%. Em muitos estados, porém, não existe sequer uma rede pública destinada exclusivamente ao ensino médio. “Na maioria dos estados brasileiros, a escola secundária funciona dentro da escola de primeiro grau, numa salinha lá no fundo, à noite. É quase um apêndice, sem uma biblioteca apropriada, um laboratório. Em muitos municípios não se trata nem de expandir, mas de criar uma escola voltada para o jovem”, revela o secretário nacional de Ensino Médio, Ruy Leite Berger Filho.

O Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio, o Promed, do Ministério da Educação, prevê um orçamento de US\$ 1 bilhão, em quatro anos, para expandir o número de ma-



No início da semana, no Rio, centenas de pessoas se aglomeraram em busca de vaga nas escolas estaduais

trículas nas escolas secundárias das atuais 6,9 milhões, para 10 milhões em 2002. “A expansão da rede pública será um desafio para estados e municípios que nós iremos apoiar”, garantiu Fernando Henrique no programa de rádio *Palavra do presidente*.

Mas do orçamento de R\$ 1 bilhão do Promed, apenas R\$ 50 milhões serão bancados pelo governo federal. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) já garantiu o empréstimo de R\$ 500 milhões para o programa. Os estados, no entanto, só poderão contrair o empréstimo se arcarem com uma contrapartida do mesmo valor. Com a precária situação financeira em que a maioria se encontra, muitos secretários de Educação mostraram interesse pelo financiamento do BID, mas não sabem se seus estados poderão se dar ao luxo de contrair a dívida.

Curriculo – A melhoria do ensino médio, no entanto, não se resume à expansão da rede de escolas. Mas

também, e principalmente, à implantação da reforma curricular.

“O ensino médio havia se transformado numa simples etapa intermediária entre o ensino fundamental e a universidade. Ele agregava muito pouco em termos de rendimentos dos alunos, o que ficou claro nas avaliações feitas pelo Inep, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais”, revela o secretário Ruy Berger Filho.

O Exame para Concluintes do Ensino Médio, aplicado no ano passado a 430 mil alunos da 3ª série, de 5,2 mil escolas de nove estados brasileiros, mostrou um resultado sofrível. A média de acertos das 30 questões de Português, Matemática, Física, Química e Biologia não passou de 40%, índice insuficiente para aprovação até mesmo em concursos públicos menos exigentes. “Era preciso mudar a própria concepção do 2º Grau”, argumenta Berger.

Depois de cinco anos de exausti-

vas discussões, o Conselho Nacional de Educação, aprovou, no ano passado, as novas Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, que agora dependem dos estados para entrar em vigor. “Com a reforma, o ensino médio passou a ser visto como a etapa final da educação básica, menos voltado para uma visão enciclopedista e mais comprometido com assuntos contemporâneos”, explica o secretário de Ensino Médio.

A partir de agora, haverá um currículo comum nacional, correspondente a 75% da carga horária do curso, abrangendo três grandes áreas: linguagens, matemática e ciências da natureza, e ciências humanas. Os outros 25% do currículo serão formados por matérias eletivas, que podem ser de formação cultural mais ampla ou mais voltadas para interesses profissionais específicos.

“Trata-se de uma reforma que tem data para começar, mas não para ser concluída”, finaliza Berger.